

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

CENTRAL INTEGRADA DE AULA-CIA

ELIZAMA BARBOSA DA SILVA

**CHAPEUZINHO VERMELHO EM CORDEL: UMA ANÁLISE COM BASE NA ESTÉTICA
DA RECEPÇÃO**

CAMPINA GRANDE-PB

2015

ELIZAMA BARBOSA DA SILVA

**CHAPEUZINHO VERMELHO EM CORDEL: UMA ANÁLISE COM BASE NA
ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

Artigo acadêmico apresentado como requisito para obtenção do título de **Graduada do curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa-** da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Professora Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

CAMPINA GRANDE-PB

Dezembro -2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Elizama Barbosa da
Chapeuzinho Vermelho em cordel [manuscrito] : uma análise
com base na teoria da recepção / Elizama Barbosa da Silva. - 2015.
31 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves,
Departamento de Letras".

1. Estética Literária 2. Literatura 3. Literatura de Cordel I.
Título.

21. ed. CDD 801.93

ELIZAMA BARBOSA DA SILVA

**CHAPEUZINHO VERMELHO EM CORDEL: UMA ANÁLISE COM BASE NA
TEORIA DA RECEPÇÃO**

Artigo científico apresentado como requisito para obtenção do título de **Graduada do curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa-** da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Profª Drª Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Aprovada em: 02/12/2015

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves 8,5
Profª. Drª. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (UEPB)
Orientadora

Francisca Eduardo Pinheiro 8,5
Profª. Drª. Francisca Eduardo Pinheiro (UEPB)
Examinadora 1

Rosângela Maria Soares de Queiroz 8,5
Prof. Drª. Rosângela Maria Soares de Queiroz (UEPB)
Examinadora 2

**CAMPINA GRANDE-PB
2015**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus todo poderoso que nos faz triunfar em todas as batalhas desta vida.

Agradeço a minha querida mãe Maria do Socorro que sempre me incentivou a continuar batalhando na busca pela conclusão deste curso, mesmos nos momentos mais difíceis em que tudo parecia ficar mais distante de ser alcançado. Ao meu pai Américo que sempre acreditou que tudo daria certo.

Agradeço a minha orientadora professora Ana Lúcia que sempre se portou como uma excelente mediadora do conhecimento, orientando sempre de forma ética na conclusão deste trabalho.

Em fim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que este sonho tronsasse realidade.

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus, que sempre me fortaleceu nos momentos mais difíceis, concedendo força e graça para prosseguir.

Minha família por todo apoio e ajuda durante todo desenvolver do curso.

RESUMO

O presente artigo é um estudo da releitura em cordel do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault, a partir de uma sequência didática desenvolvida em uma turma do Ensino Fundamental (séries iniciais). A proposta desenvolvida em sala de aula está baseada na Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss. O trabalho correspondeu à análise comparativa entre a obra clássica e o cordel, do escritor pernambucano Manoel Monteiro. O objetivo com essa atividade foi analisar em alunos do 4º ano do Ensino Fundamental a recepção do cordel “Chapeuzinho Vermelho”. Para tanto, recorreremos às contribuições dos estudiosos: Pinheiro (2012), Machado (2002), Solé (1998), Kleiman (2002), Girroto e Souza (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Texto Literário. Releitura. Cordel. Estética da recepção.

1- INTRODUÇÃO

Historicamente, estudiosos têm mostrado que, na realidade social e cultural brasileira, a escola tem um papel fundamental na formação do leitor, por isso a importância da instituição educacional oferecer bibliotecas com bons acervos e o professor desenvolver atividades significativas para as crianças a partir de textos literários de vários gêneros.

Neste sentido, é preciso aprofundar as discussões sobre o trabalho com a leitura no ambiente escolar, propondo atividades que possibilitem a leitura e o efetivo estudo dos diversos gêneros textuais de maneira criativa e prazerosa, de modo a contribuir com a formação de um leitor autônomo não apenas na sala de aula, mas também fora dela.

Despertar o interesse da criança pela leitura é uma tarefa que requer do professor um trabalho pedagógico planejado. É necessário que o professor parta do conhecimento que o aluno já possui, da realidade em que ele vive e da sociedade da qual ele faz parte, e proporcione estratégias que possibilitem ao aluno uma atitude protagonista no processo de leitura.

Diante disto, é de fundamental importância que o texto literário não seja trabalhado apenas como pretexto para o ensino de regras gramaticais, por exemplo. É importante que a escola proponha atividades que venham a favorecer a prática da leitura prazerosa, atrativa, significativa e crítica do aluno. Para tanto, o educador precisa conhecer e trabalhar em sala de aula com autores e obras direcionadas ao público infantil e juvenil.

No contexto histórico ocidental, a literatura direcionada para a criança e o jovem é considerada um gênero recente, que só veio se fixar nos fins do século XVIII, a partir dos

Contos da Mamãe Gansa, de Charles Perrault. Neste sentido, só a partir de então, a criança passa a ser considerada como um indivíduo com características e interesses diferentes dos adultos. Nesta realidade, a escola começa a organizar-se como instituição, buscando oferecer um ensino destinado à educação e formação da criança, baseado nas concepções burguesas.

No Brasil, a literatura para criança surge no final do século XIX. Contudo, é em 1920, com a obra *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, que se dá o marco do gênero. Lobato, a partir desta obra, cria narrativas cujas personagens infantis vivem conflitos próprios da sua idade e ambientados na cultura brasileira.

No mundo contemporâneo, o que se espera com o ensino de literatura infantil na escola é que o aluno desenvolva o prazer de ler e, especialmente, a ampliação dos horizontes e expectativas a fim de enriquecer suas experiências de vida. Neste sentido, o trabalho com o texto literário deve ser voltado para uma perspectiva que alimente e estimule a imaginação da criança, de forma que favoreça a ampliação de seu horizonte linguístico, social, intelectual e afetivo.

Nessa perspectiva, o gênero literário cordel apresenta-se como uma leitura instigante, atraente, capaz de despertar o gosto pela leitura e o desenvolvimento linguístico e cultural do aluno. Este gênero textual apresenta um caráter lúdico e informativo, além de constituir-se em importante ferramenta para o estudo da estruturação poética – verso, métrica, rima, ritmo.

Baseado nesses pressupostos, elegemos, neste artigo, dentre a diversidade de gêneros literários, o cordel. Nosso objetivo com este trabalho é analisar a recepção apresentada por crianças do 4º ano do Ensino Fundamental do cordel *Chapeuzinho Vermelho*. Para apresentar o trabalho realizado, dividimos este texto em três partes. Inicialmente, discutimos sobre aspectos históricos e estéticos do gênero cordel; em seguida, abordamos sobre o cordel no contexto da sala de aula e, por último, descrevemos as análises realizadas a partir da releitura do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho* na versão em cordel do poeta pernambucano Manoel Monteiro.

2- IDENTIDADE CULTURAL E O CORDEL

Sabemos que é por meio das manifestações culturais que conhecemos um determinado povo, sua realidade e sua história. É por meio delas que podemos encontrar juízos e valores, bem como questões históricas que levaram a eles. A cultura assim configura a forma de pensar de um povo, como este se vê e se percebe no mundo.

Essa identificação se dá na ação entre o ambiente cultural e o indivíduo. Nesta relação, o conhecimento adquirido na sociedade em que ele está inserido é confrontado com os saberes obtidos pela própria vivência. Desta forma, a identidade cultural vai se formando na assimilação entre o passado e o presente, o histórico e o contemporâneo. É importante lembrar que, sendo a cultura o registro de um povo, ela está em constantes mudanças. Sendo assim, a formação do caráter de um indivíduo se dá durante todo processo de sua existência. Nessa perspectiva, Castells (1999, p.23) ressalta que:

A construção da identidade vale-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasia pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

A literatura de cordel apresenta-se como uma fonte de informação riquíssima para pesquisa em diversas áreas. A diversidade de informação é constante nesses textos, propiciando o acesso à vivência cultural de um determinado povo. Embora algumas características desses folhetins sejam gerais, cada cordelista marca a sua obra de acordo com a sua realidade e seus conhecimentos.

No Brasil, a literatura de cordel revelou-se como uma expressão literária de transmissão da cultura de um povo. Enquanto em Portugal essa literatura esteve voltada para divulgação de histórias tradicionais, para os romances de cavalaria, de guerras de viagens marítimas; no Brasil a literatura de cordel deteve-se, de forma mais ampla, em descrever as indignações, lamentações do cotidiano do povo.

Essa herança lusitana foi fixada no Brasil em forma de folhas volantes ou folhas soltas. Tratava-se de manuscritos de impressão muito rudimentar, vendidos em feiras, nas romarias e nas praças ou nas ruas. Os folhetins portugueses faziam divulgação de narrativas tradicionais, como a da Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, ou as proezas de Carlos Magno.

No Nordeste brasileiro, a literatura de cordel teve seu processo de definição a partir das cantorias. De acordo com Abreu (1999, p.74) não há registros dessa primeira prática nos primeiros séculos do Brasil. Essa tradição de cantorias teve como fundador Agostinho Nunes da Costa, que viveu entre 1797 e 1858.

O cotidiano nordestino contribuiu de forma decisiva para o surgimento de atividades como o “serão”. Com a falta de energia elétrica, era costume forma-se uma roda em torno da

lâmpada após o jantar. O alfabetizado do grupo era o contador das histórias, dessa forma eram repassadas as narrativas.

A maioria dos autores era proveniente da zona rural, filhos de pequenos proprietários ou trabalhadores assalariados. Boa parte deles teve pouca ou nenhuma instrução. Alguns desses, segundo Abreu (1999, p.93), aprenderam a ler com parentes ou conhecidos.

Dentre os principais representantes da literatura de cordel se destacam: Silvino Pirauá de Lima, Leandro Gomes de Barros (1868-1918), paraibano da cidade de Pombal, autor de diversos folhetos; João Martins Athayde (1880-1959), poeta da cidade de Ingá PB, que contribuiu para divulgação da literatura de cordel no início do século XX e participou da primeira geração de editoras especializadas na produção escrita do cordel. Com a morte de Leandro de Barros, Athayde comprou da viúva os direitos autorais do autor, tornando-se detentor de centenas de cordéis.

Os poetas procuram, em seus folhetins, transmitir da maneira mais real possível, o cotidiano do povo sofrido do Nordeste. A seca era um dos temas mais recorrentes na composição desses cordéis. Outros temas voltados para religião, para pessoas de grande influência no contexto nordestino foram amplamente trabalhados. Segundo Galvão (2001), as temáticas trabalhadas nos cordéis eram variadas, tratavam de assuntos relacionados com religião, misticismo, relatos do cotidiano, assuntos políticos e fenômenos naturais. A autora ainda refere-se à narração de histórias, aventuras de herói e anti-herói.

O uso das xilogravias nas capas dos folhetos era um meio pelo qual os autores utilizam para despertar a fantasia dos leitores. As gravuras eram talhadas na madeira. As cores, paisagens e personagens nordestinas transportavam os leitores para o mundo da fantasia.

Sobre o cordel para as crianças, verifica-se que é muito comum cordelistas incluírem em suas produções folhetos com características do universo infantil, adaptadas para o cordel. Exemplo disso são contos de fadas e as fábulas, histórias e versos sobre animais. De acordo com Pinheiro (2012), atualmente há uma aproximação entre a literatura popular e a literatura infantil brasileira, sobretudo, com relação ao predomínio da fantasia, inventividade, musicalidade, comum às fábulas e aos contos. De acordo com o autor, o uso da literatura de cordel na sala de aula amplia o repertório infantil da criança.

A Literatura de Cordel assim se configura uma importante produção literária que reflete as características da cultura de um povo. Por vezes, essa Literatura reconta em versos de histórias clássicas da literatura nacional ou mundial, caso do nosso corpus de estudo.

3- HANS ROBERT JAUSS E A TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A Estética da Recepção teve como marco inaugural, uma Conferência na Universidade de Constança, na Alemanha no dia 13 de abril de 1967. Nesta conferência Hans Robert Jauss, considerado o “pai da estética da recepção”, apresenta sua teoria, fazendo duras críticas ao ensino da literatura pautado na historiografia, geradora de uma abordagem que dá ênfase no decorar de características de autores e estilos de época.

O surgimento da Estética da Recepção, na década de 60, insere-se no contexto de um movimento que, nas Ciências Humanas, passou a questionar o paradigma dominante do estruturalismo. Jauss insurge-se contra a elevação do estruturalismo, atacando de forma veemente a maneira como este se apresentava, como sistema fechado, sem referente, portanto sem relação como o mundo, sem relação à situação de produção e de recepção sentido.

Em sua teoria, Jauss defende a tese de que, o ensino da literatura deveria ser centralizado, a partir de uma interação entre o sujeito produtor, visando assim o diálogo entre a literatura e o leitor. Neste sentido, a literatura deveria ser tida como veículo formador, capaz de fazer com que o leitor visualize aspectos de sua prática cotidiana, proporcionando assim ao leitor, possíveis soluções para os problemas da vida. O leitor assume, então, “seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o conhecimento histórico: o papel de destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa”.

A *recepção*, nessa perspectiva, é compreendida “como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento de sua produção como de sua leitura, que pode ser estudada esteticamente”.

A base do conceito da experiência estética defendida por Jauss encontra-se fundamentada em três princípios de arte (poiesis, aisthesis e katharsis). De acordo com Hans Robert Jauss, na experiência da poiesis, o leitor manifesta seu prazer ante a obra, sentindo-se co-ator; a aisthesis, o prazer estético é advindo de uma nova percepção da realidade, proporcionada pelo conhecimento adquirido por meio da criação da literatura; na katharsis, o prazer proveniente da recepção e que ocasiona, tanto a liberação, quanto a transformação, provoca a ampliação dos horizontes e expectativas do leitor, o que o torna, capaz de agir de maneira mais consciente no mundo.

3.1 O CORDEL EM SALA DE AULA COM BASE NA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Sabemos que a escola representa um lugar privilegiado para promoção do contato da criança com a literatura, tendo em vista que muitos alunos tiveram pouco ou nenhum contato com os livros literários fora do ambiente escolar. Assim, despertar o interesse dos alunos pela literatura deve ser uma das tarefas primordiais da escola.

Segundo Machado (2002), para despertar o gosto pela literatura não basta forçar os alunos a lerem vários livros. É preciso ir além, mostrando como o texto literário pode ser divertido e prazeroso.

Neste sentido, o professor precisa ser criativo, partindo do conhecimento da criança e da realidade social e cultural em que ela está inserida. O trabalho com obras literárias na escola deve ser encarado como um instrumento de formação, que possibilite ao aluno refletir sobre assuntos relevantes para seu desenvolvimento enquanto cidadão.

Assim, a leitura literária a ser trabalhada na sala de aula precisa ser desenvolvida numa perspectiva que estimule a criatividade da criança, a sua capacidade de reflexão, através de textos que realmente façam sentido para os alunos. Além disso, a abordagem textual precisa ir além da mera extração de informações textuais, da mera decodificação. Precisa ser desenvolvida com o objetivo de promover a formação de um leitor ativo, que interage com o texto e constrói significados.

Para Izabel Solé (1998), antes de qualquer leitura, os alunos precisam saber os objetivos do ato de ler para que os mesmos possam selecionar, analisar e utilizar suas habilidades e estratégias, de acordo com que foi solicitado pelo professor.

Segundo Kleiman (2002,) para que aconteça um entendimento do texto, é necessário que o leitor utilize seus conhecimentos prévios, as leituras que ele adquiriu ao longo de sua vida.

Neste sentido, a teoria da estética da recepção, de Hans Robert Jauss, ressalta que o ato de ler é iniciado com a ativação dos conhecimentos prévios do leitor, advindos de suas vivências pessoais, culturais, sócio-históricas, filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas e ideológicas. Segundo ele, para que aconteça uma transformação do horizonte e expectativas do leitor é necessário que ocorra a operacionalização de alguns conceitos básicos de receptividade, concretização, ruptura, questionamentos e de assimilação.

Assim, de acordo com teoria da recepção, a primeira etapa que o professor deve realizar antes mesmo do trabalho com o texto, é o da sondagem dos horizontes de expectativa

dos alunos, seus interesses específicos, os valores cultivados na sua vivência social. Esta sondagem pode ser realizada por meio de conversas espontâneas ou mesmo por meios de questionários, que possam contribuir para que o professor defina que títulos, contribuirão para uma maior motivação da curiosidade do leitor em relação ao texto a ser lido.

Uma vez detectada a preferência dos alunos em relação à literatura, o passo seguinte seria atender a estas expectativas, proporcionando assim, textos literários que satisfaçam aos interesses dos alunos, ou seja, é fundamental que este primeiro contato com a literatura, consista em textos que de certa forma faça parte do convívio do aluno, em seu contexto social.

Na próxima etapa, o professor precisa observar quais temáticas que atraem mais a atenção do aluno, e, a partir de então, trazer para o ambiente da sala de aula, textos literários que se abequem a perspectiva do aluno.

Na etapa seguinte é necessário que haja uma ampliação dos horizontes de expectativas do aluno, neste sentido é primordial que o professor leve para sala de aula, textos de diferentes estruturas composicionais, porém com semelhanças aos anteriores trabalhados, de forma que o aluno perceba que está mergulhando num universo desconhecido, sem, contudo se sentir inseguro para estudá-lo.

Na última etapa, a dos questionamentos do horizonte de expectativas, os alunos farão uma análise de quais textos exigiriam um nível de reflexão maior, e quais favoreceram um grau maior de satisfação. Desta maneira, a partir de uma visão mais aguda, o aluno torna-se mais apto para atuar, de forma crítica, em relação aos textos trabalhados.

De acordo com Pinheiro (2012 p.126-127), antes de toda atividade de leitura é aconselhável sondar os horizontes e expectativas dos leitores a fim de identificar: o que eles gostam de ler? Quais seus interesses imediatos? Como encaram as novas experiências? Quais as experiências culturais lhe são mais determinantes?

Neste sentido, a literatura de cordel apresenta-se como um excelente gênero literário a ser trabalhado na sala de aula, por ser esta uma leitura dinâmica, atraente e cativante. Ademais, o trabalho com o cordel possibilita que os alunos vivenciem a sua cultura, resgatando suas origens. A escola, portanto, precisa trabalhar com a literatura de cordel como meio de reavivar a memória da tradição oral, frente a toda essa riqueza que tende a ficar esquecida ou até mesmo se perder. Todavia o trabalho com a literatura de cordel não pode ser conduzido pelo viés da escolarização mecânica e desinteressante para os alunos.

Nas atividades com o cordel, Pinheiro (2012) recomenda como atividade inicial a leitura oralizada do texto, por meio de repetições, nas quais ajudarão os alunos a perceberem

os ritmos e as imagens, que o texto evoca. Neste sentido, faz-se necessário que o professor treine a leitura antes de apresentar para os alunos.

Outra atividade a ser desenvolvida, é proporcionar debates orais ou escrito a respeito das temáticas apresentadas nos textos, estimulando sempre a discussão, o diálogo, o confronto de pontos de vistas, como meio de chamar a atenção para ao fato de que a literatura de cordel aborda em especial questões humanas. Por estas razões optamos por eleger o cordel, dentre os gêneros da poesia oral, como objeto de trabalho.

A possibilidade de utilizar a literatura de cordel no processo de compreensão de um texto, empregando estratégias de leitura, motivou-nos, pois se por um lado a escola não utiliza a literatura de cordel com a frequência desejada, por outro lado há uma dificuldade evidente de muitos educadores na condução de um trabalho com poesia em sala de aula, principalmente, no que diz respeito a orientar os alunos na busca de sentidos e significados para um texto poético.

Desta forma, nossa intenção ao elegermos o cordel *Chapeuzinho Vermelho*, do cordelista Manoel Monteiro, foi favorecer aos alunos uma compreensão maior do gênero cordel no que se refere a sua estrutura composicional e, principalmente, no que diz respeito a orientar os alunos na busca de sentidos e significados para este texto em verso.

Nossa proposta envolveu, a princípio, a leitura oral do conto *Chapeuzinho Vermelho*, como forma de fazer uma intertextualidade entre o conto e o cordel homônimo. Nosso objetivo a alcançar com essa atividade de leitura foi estimular a circulação da cultura oral de forma que possibilite aos alunos um contato maior com essa cultura popular rica em ritmos, fantasia e criatividade.

Após as atividades de leitura, realizamos um momento de discussão com os alunos, sobre as obras lidas, com o propósito de verificar se os discentes conseguiram assimilar as obras: ideia principal, tema. Para tanto,, os alunos puderam realizar como forma de síntese dos textos lidos, desenhos dos personagens e dos cenários que compõem a obra *Chapeuzinho Vermelho* e a versão em cordel.

Feita a descrição das obras por meio das gravuras, a próxima etapa a foi o registro escrito da interpretação dos textos lidos. Nosso objetivo com a atividade foi contribuir para que o aluno desenvolvesse seu senso de interpretação sobre as obras. A este respeito, Girroto e Souza (2010, p.76) cometam:

Leitores inferem quando utilizam o que já sabem seus conhecimentos prévios e estabelecem relações com as dicas do texto para chegar a uma conclusão, tentar adivinhar um tema, deduzir um resultado, chega a uma grande ideia etc.Se os

leitores não inferem, então, não entendem a essência do texto que lêem. Às vezes, as perguntas do leitor só são respondidas por meio de uma inferência. Quanto mais informação os leitores adquirirem, mais sensata inferência que fazem.

A sequência didática desenvolvida mostrou-nos que é possível trazer a literatura para a sala de aula de forma a promover um contato prazeroso, abrindo espaços onde os alunos possam exercer na escola práticas vivas de leitura.

4. UMA RELEITURA DO CONTO CLÁSSICO CHAPEUZINHO VERMELHO NA VERSÃO EM CORDEL

A proposta aqui relatada foi desenvolvida com 30 (trinta) alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Pocinhos-PB, a partir de uma atividade sequenciada da releitura em cordel do conto *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault.

Com base em Dolz, Noverraz e Scneuwly (2004, p. 97), entendemos que sequência didática é um conjunto de propostas organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito, com funções de promover para os alunos o domínio dos gêneros e das situações de comunicação.

Assim, de acordo com esses autores, na promoção da sequência didática é indispensável que aconteça uma atividade diagnóstica, a partir da qual o professor desenvolverá situações de leitura e escrita com diferentes graus de complexidade, visando ampliar o contato com diversos tipos de gênero que tratam do mesmo assunto.

Sabemos que uma das principais características da literatura contemporânea, em especial no que se refere ao setor infanto-juvenil, está nas constantes releituras, efetuadas da tradição cultural ocidental, mediante intertextos.

Neste sentido, nossa proposta foi desenvolvida a partir de um plano de ação de forma a contemplar os objetivos pretendidos na intervenção didática, por meio de uma sequência de oficinas de leitura desenvolvidas em um período de quatro encontros, totalizando 20 horas-aula.

4.1 UMA VIAGEM AO IMAGINÁRIO DO CONTO *CHAPEUZINHO VERMELHO* DE CHARLES PERRAULT

Iniciamos nosso trabalho fazendo um levantamento junto aos alunos dos contos de fadas que eles conheciam. Após os diálogos com a turma, percebemos que, a maioria dos discentes, cerca de 70% tiveram seu primeiro contato com os contos na escola.

Neste sentido, constatamos mais uma vez a importância do professor como mediador na promoção da leitura, como agente principal no intermédio entre o aluno e o texto.

Observamos também no diálogo com os alunos que o conto Chapeuzinho Vermelho está dentre os contos mais presentes na memória das crianças. Segundo relatos orais dos alunos, este foi o conto que mais chamou a atenção deles.

Dando prosseguimento, propus aos alunos que, por meio de desenhos, representassem o conto Chapeuzinho Vermelho na versão que eles conheciam. Neste sentido, o objetivo com a atividade era de proporcionar aos alunos uma oportunidade de criação na qual eles pudessem resgatar a essência do conto e suas singularidades, de acordo com sua interpretação pessoal, ou ainda de sintetizar a sua compreensão em relação ao texto.

Em um segundo momento com a turma, iniciamos a contação do conto Chapeuzinho Vermelho na versão de Charles Perrault. No decorrer da narrativa alguns alunos fizeram inferências a obra, principalmente, quanto ao final do conto, que divergia das versões que eles conheciam. Explicamos que o conto em questão foi escrito em outras versões, sendo a primeira de Charles Perrault, em 1697; depois por meio dos irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, em 1785, e que, mesmo nos dias atuais, a referida narrativa está sendo recontada em novas versões.

4.2- ANÁLISE DO CORDEL *CHAPEUZINHO VERMELHO* COM BASE NA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

No terceiro momento com a turma, iniciamos a aula questionando os alunos sobre os conhecimentos prévios em relação ao gênero Cordel. Por meio deste diálogo inicial, percebemos que 100% dos alunos nunca tinham ouvido falar a respeito do gênero. Sendo assim, como elemento motivador, resolvemos exibir, por meio do data-show, imagens relacionadas ao gênero: imagens de cordéis expostos em feiras, bancas, lojas e imagens de poetas em feiras, declamando seus versos.

Destacamos que essa literatura surgiu do ato de contar histórias, principalmente do cotidiano das pessoas, como também histórias de lendas sobre heróis nordestinos, entre outras. Explicamos com auxílio das imagens exibidas no data-show que essa literatura recebeu este nome pelo fato de ser exposta à venda em cordões. Destacamos que esses textos eram produzidos em um papel muito simples e ilustrados com desenhos conhecidos como xilogravura. Em seguida, entregamos para os discentes alguns cordéis tradicionais de Leandro Gomes de Barros para que os alunos folheassem. Nosso objetivo com a exposição dos

folhetos era fazer com que, por meio do contato com esses folhetos, os alunos pudessem conhecer o referido texto e ter uma noção da forma como eles eram produzidos e comercializados.

Após esse diálogo introdutório, iniciamos a leitura oral do cordel em análise. Neste sentido procuramos ler da maneira mais expressiva possível, respeitando as rimas, as marcas sonoras do texto. Nossa intenção com essa atividade era fazer com que os alunos percebessem a riqueza de expressividade e de linguagem presente no texto. De acordo com Pinheiro (2012), antes de qualquer atividade com o texto cordel, é fundamental que o professor faça inicialmente uma leitura oralizada do texto por repetidas vezes com o objetivo de criar nos alunos uma afetividade em relação ao texto.

Neste sentido o texto cordel não deve ser usado com intuito de uma escolarização mecânica, que muitas vezes cerceia a fantasia, a imaginação dos alunos. Sabemos que na escola, a poesia nunca teve uma abordagem adequada. Em geral ela sempre comparece como viés de cultura inferior. Sendo assim, é de suma importância que este texto tenha um lugar de destaque na escola, sendo estudado por meio de uma perspectiva que favoreça o desenvolvimento intelectual do aluno. Na leitura do cordel percebemos uma maior interação da turma, se comparado ao texto em forma de conto. Percebemos também uma maior atenção, principalmente, pelos comentários dos alunos durante a exposição oral do texto. Os alunos chegaram a eleger o cordel como mais interessante, devido, segundo eles, à presença de elementos sonoros (rimas), bem como pela estrutura em forma de verso e estrofes que, na opinião deles, deixava a leitura mais prazerosa.

Após realizarmos a leitura oral do texto, solicitamos aos alunos que fizessem uma leitura silenciosa do mesmo. Nosso objetivo com a atividade era que, à medida em que os alunos fossem realizando a leitura silenciosa, percebessem mesmo que de forma superficial, os elementos comuns e divergentes entre o cordel e o conto. Neste sentido, incentivamos os alunos a lerem o texto de forma pausada, observando os elementos sonoros, a melodia presente no texto. Ficamos um tanto surpresos em relação à postura dos alunos durante a leitura. Até mesmos os alunos que foram relutantes na primeira leitura demonstraram um interesse maior pelo cordel.

Devido ao fato de que o cordel em estudo apresenta uma quantidade razoável de estrofes, percebemos certa inquietação da turma nas estrofes finais. Outro fator a ser levado em consideração foi a quantidade de alunos presentes na turma, que de certa forma dificultava um trabalho mais eficaz com a leitura.

Após a leitura do texto, propomos uma roda de conversa na qual os alunos puderam expor os pontos comuns e divergentes entre o cordel de Manoel Monteiro e o conto. Este momento foi enriquecedor porque por meio dele os alunos refletiram melhor sobre a questão da intertextualidade, que é tão recorrente nos textos atuais. Entre as divergências encontradas a que chamou a atenção da turma foi a parte final dos textos. (Na versão de Charles Perrault, Chapeuzinho é devorada pelo lobo, no cordel, de Manoel Monteiro, Chapeuzinho, vovó e o lobo terminam a história vivos).

No último encontro com a turma, realizamos uma retomada das principais características do gênero cordel, utilizando o datashow. Para tanto, recorremos a algumas estrofes do cordel. Neste momento solicitamos que a turma de maneira coletiva lesse, de forma pausada, evidenciando sempre por meio da leitura as rimas presentes no texto. Explicamos, de forma sucinta, sobre a estrutura composicional do texto: versos, estrofes, sonoridade. Enfocamos também que, mesmo o cordel sendo advindo do contexto popular, cheio de marcas dessa oralidade, não o torna menos importante que os textos considerados clássicos.

Com o término da exposição sobre o texto cordel, solicitamos aos alunos que fizessem xilogravuras do cordel em análise.

Essa intervenção didática a partir de uma releitura do conto de fada para uma leitura em cordel, de acordo com o que foi proposto nessa pesquisa, permitiu-nos descobrir que o texto cordel é um excelente gênero para o desenvolvimento da fruição do aluno. Isto ficou claro para nós por meio das falas dos alunos, nos momentos de diálogo sobre o texto.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo ao longo desse estudo discutir sobre a importância do gênero literário cordel no que se refere ao desenvolvimento da fruição do aluno no processo de aquisição da leitura.

As propostas de atividades de leitura foram planejadas de modo a trabalhar em sala de aula a intertextualidade entre o conto clássico e a versão em cordel. Estas foram pensadas como sugestões possíveis de serem revistas e modificadas na sala de aula, de acordo com a necessidade da turma.

Conforme discutimos, embora não seja trabalhado na escola com regularidade, principalmente em se tratando das turmas iniciais do Ensino Fundamental, o cordel desempenha um importante papel no que se refere à formação do leitor.

Constatamos também que os alunos demonstram interesse pela leitura de cordel. Além disso, este gênero possibilitou o resgate da oralidade, pouco trabalhada na escola, e a reflexão crítica do aluno sobre as crenças e os dilemas cotidianos das personagens. As crianças também observaram as semelhanças e diferenças entre o cordel e o texto clássico, revelando mais interesse pelo texto em verso.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. História de cordéis e folhetos/Márcia Abreu –Campinas, SP:Mercado de Letras:Associação de leitura do Brasil, 1999.(Histórias de leitura)
- CASTELLS, A sociedade em Rede, São Paulo: Editora paz e Terra, 3ª edição, 2000 (1999)
- DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernad (2004). Gêneros orais e escritos na escola.São Paulo:Mercado de Letras.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (2001). Cordel, leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica.
- GIRROTO, Cyntia e Souza, Renata Junqueira (2010).”Estratégias de leitura ensinar alunos a compreender o que lêem”, inr.SOUZA, Renata Junqueira de;GIRROTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões, ARENA, Dagoberto Buim E MENIN, Ana Lúcia ler e compreender:estratégias de leitura.Campina:Mercado de Letras.
- KLEIMAN, Ângela (2002). Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas :Pontes
- MACHADO, Ana Cristina. O Cordel cotidiano escolar/Ana Cristina Marinho, Hélder Pinheiro. São Paulo: Cortez, 2012.
- SOLÉ, Isabel (1998). Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artmed.

Cordel

Chapeuzinho Vermelho

Versão Versejada

Manoel Monteiro

- 01- ERA UMA VEZ, é assim.
que começa:ERA UMA VEZ
Que todo conto começa
E, sempre assim se fez
Não vou fazer diferente
Vou começar lentamente
Contando um conto a vocês.
- 02- Pense numa casinha branca
Bem ao lado da estrada
Com telhado vermelho
Porta e janela, alpendrada,
Chaminé, céu azulado;
EIS O CENÁRIO MONTADO
Para a história ser contada.
- 03- Nessa casinha que está
Logo ali a nossa frente
Morava uma garotinha
Bela, doce, inteligente,
Dessas que alegram o espelho
Era “Chapeuzin “ Vermelho
Querida por toda gente.
- 04- Ganhou esse nome por
Andar com uma capinha
E um capuz dessa cor,
Esse costume que tinha
De usar capa e capuz
Dava-lhe o brilho da luz
Que o sol tem de manhãzinha.
- 05- Os olhos de Chapeuzinho
Eram azuis e o rosto
Da cor de romã, a pele
Macia que dava gosto,
A face, tela e pueril,

A voz, sonata infantil,
Qual trino d'ave composto.

- 06- A Chapeuzinho Vermelho
Um dia alegre brincava
Atrás de uma borboleta
Que de flor em flor pousava
Nisso ouvia a mãe chamar
E dar-lhe um cesto a levar
Para a vó que o aguardava.
- 07- No cesto que sua mãe
Mandou para a vovozinha
Tinha uns bolinhos de milho,
De centeio e de farinha,
Potes de geleia? Oito,
Uns cem gramas de biscoito,
Uma torta bem quentinha.
- 08- A vó de Chapeuzinho
Morava bem distante,
Quando a neta a visitava
Vibrava de radiante
Isso por só ter aquela
Netinha tão boa e bela,
Bela, boa e cativante.
- 09- Sua mãe pediu-lhe que
Fosse imediatamente
Levar o presente para
Vovó que estava doente,
Mas, evitasse a floresta,
Pois diziam morar nesta
Um lobo muito insolente.
- 10- A menina disse: Eu sei
Mamãe fique descansada,
E saiu cantarolando
A colher flor pela estrada
Para com elas formar
Um buquê a ofertar
A sua vó tão amada.
- 11- De flor em flor distrai-se
E foi adentrando a mata

Nem percebeu quando um vulto
De cauda, focinho e pata,
Aspecto feio, e, robusto,
Falou bom dia. Que susto!
Sentiu nessa hora exata.

12- Quem deu- o bom dia – foi
O lobo que a mãe falou,
Ela respondeu: Bom dia,
Ao que o lobo perguntou:
Que levas nessa cestinha?
Disse ela é pra vovozinha
Que minha mãe preparou.

13- E tua avó mora longe?
Perguntou a Chapeuzinho,
-Depois do Carvalho Grande,
É logo ali bem pertinho,
Ela anda meio doente
Por isso vai-lhe um presente
De torta, doce e bolinho.

14- O lobo disse, já vou,
Nem esperou despedida
Entrou de floresta a dentro
Numa pressa desmedida
Pois sua “mente perversa”
Sentiu naquela conversa
Cheiro e gosto de comida.

15- Lobo todo dia tem
Um problema resolver
É que sua barriguinha
Fica exigindo comer,
Por isso ao sabê-lá só
Foi a casa da vovô
Essa questão resolver.

16- Chegou lá bateu a porta
De dentro a boa velhinha
Perguntou quem está batendo?
Respondeu: Sua netinha.
A vó estranhou um pouco
Aquele som feio e rouco
Que a voz da neta não tinha

- 17- E um tanto desconfiada
Indagou: Estás doente?
Porque essa tua voz
Soa-me tão diferente?
O lobo disse, não sei,
Deve ser por que tomei
Um pouquinho de d'água quente
- 18- A vovó ordenou, entre,
A porta não está travada
O lobo faminto entrou
E pulou sobre a coitada,
Duma abocanhada só
Tragou a pobre vovó
Indefesa e assustada.
- 19- Mas achou pouco o almoço
Então para completar
Deitou na cama da vó
Cobriu-se e foi esperar
Que Chapeuzinho chegasse
Com o cesto e entregasse
Pra ele se empanturrar.
- 20- Poucos minutos depois
"Chapéu" Vermelho chegou
Sem bater a porta logo
Foi entrando e entregou
As florzinhas que colheu
A "vó" que agradeceu
Ao tempo em que perguntou:
- 21- Querida neta o que trazes
Na cesta que tens a mão?
-São bolinhos pra senhora,
Mas vovó que vozeirão,
O que é que a senhora tem?
É uma gripe, meu bem,
Que deu-me esta rouquidão.
- 22- O lobo imitando a vó
Com voz gutural a chama:
Netinha de meus amores
Sabes que vovó te ama?

Chapeuzinho, meu amor,
Venha sentar, por favor,
Ao lado, na minha cama.

- 23- A Chapeuzinho Vermelho
Ao atender seu pedido
Olhando um braço da vó
Tão peludo e comprido
Estranhando murmurou,
Vovó, seu braço aumentou.
E eu nem tinha percebido
- 24- Esses meus braços, netinha
São pra melhor te abraçar.
E esses olhos grandes?
São pra melhor te enxergar.
-Vovó, peço que me informes
Se estas orelhas enormes
São pra melhor me escutar.
- 25- São, meu bem, adivinhastes
És das mais inteligentes
-Então vovó, me responda,
Pra que lhe servem esses dentes
E essa boca enorme bocarra?
São pra fazerem uma farra
Mastigando os inocentes.
- 26- Chapeuzinho teve um susto
Ao perceber o engano,
Não era a vó, era o lobo,
Esfomeado e tirano
Que pôs sua avó na pança,
E ela, pobre criança
Iria entrar pelo cano.
- 27- Quando o lobo abriu a boca
Para engolir Chapeuzinho
Um caçador que passava
Deu-lhe um “ tiro” no focinho,
Ele, no susto expeliu
A vovozinha que viu
A morte bem de pertinho.
- 28- A vovó saiu ileso

Dizendo; Escapei legal!
Essa sua fala é dita
Olhando pra o pessoal
Da plateia porque essa
Fala marca O FIM DA PEÇA
Encenada no local.

29- Isto por que Chapeuzinho
Vermelho, vovó, lobão
E o caçador são atores
Para mostrar-lhes que não
Tem bicho mau,e, insiste
Que LOBO MAU SÓ EXISTE
EM LIVROS DE FICÇÃO.





THAKSE

